

MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO DE ESCOLAS PÚBLICAS- JOVENS ESTUDANTES CONTRA A GESTÃO DA ESCOLA PÚBLICA POR ORGANIZAÇÕES SOCIAIS.

José Maria Baldino¹
Felipe Silva de Freitas²

Resumo: *O presente artigo integra os estudos temáticos do Colóquio Internacional “Cultura e Poder em tempos de (Des) Humanização, abordando os Movimentos Sociais Contemporâneos. Conferimos relevância política e teórica para o campo de estudos na área de educação, registrar e problematizar o Movimento de Ocupação das Escolas Públicas, de luta e resistência à política governamental goiana de terceirizar, transferir a gestão das escolas públicas para Organizações Sociais- OS. As análises se aportaram nas contribuições teóricas da sociologia associadas a uma entrevista aprofundada com um Jovem participante da primeira geração de Ocupação em Goiás, especificamente na cidade Anápolis- Goiás. No campo de estudos da educação-história-cultura, recorrer à categoria da memória diante de um objeto temático novo, móvel, que se renova e amplia, diante de novas agendas e demandas políticas, significa acreditar nas possibilidades explicativas para apreender analiticamente desse movimento, sua natureza, objetivos, forma de organização, estratégias políticas, confrontos com a polícia, prisões, desafios e conquistas.*

- 1 Sociólogo, Doutor em Educação, Prof. Titular PUC Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades-Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Educação, LP Educação, Sociedade e Cultura, DP CNPq Educação, História, Memória e Cultura em diferentes espaços sociais. E-mail: jmbaldino@uol.com.br
- 2 Universitário de Licenciatura em Geografia na UFG e de História na PUC Goiás Felipe Silva de Freitas. Bolsista de PIBIC do projeto: “Preconceito e Discriminação na PUC Goiás: Educando para uma Cultura de Paz .” Coordenado pela Professora Dra. Thais Alves Marinho. E-mail: felipesilvade Freitas@hotmail.com

Palavras-chave: *Movimentos Sociais, Ocupação de Escolas, Educação Pública.*

I-INTRODUÇÃO

A globalização neoliberal enseja um processo societário às avessas daquele perspectivado pela modernidade clássica. A narrativa de que hoje os tempos são outros pretende “naturalizar” os tempos sombrios que temos vivido carentes de ética, de respeito às diferenças, de justiça, de igualdade, de democracia, de verdade, de cultura, dentre outros. A compreensão estrutural da modernidade nos quadros do capitalismo ocidental que se inicia no século XVI, torna-se imprescindível. Segundo Ianni (1992) ao discorrer sobre a “História da Mundialização” afirma que:

[...] assim, em perspectiva histórica mais ampla, o capitalismo é um modo de produção material e espiritual, um processo civilizatório revolucionando continuamente as condições de vida e trabalho, os modos de ser de indivíduos e coletividades, em todos os cantos do mundo [...]. O contínuo revolucionar da produção, o abalo constante de todas as condições sociais, a incerteza e a agitação eternas distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações fixas e cristalizadas, com o seu séquito de crenças e opiniões tornadas veneráveis pelo tempo, são dissolvidas, e as novas envelecem antes mesmo de se consolidarem. Tudo o que é sólido e estável se volatiliza, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens são finalmente obrigados a encarar com sobriedade e sem ilusões sua posição de vida, suas relações recíprocas. [...] (IANNI, 1992, p.59-60) .

[...] A história do capitalismo pode ser lida como a história da mundialização, da globalização do mundo. Um vasto processo histórico simultaneamente social, econômico, político e

cultural, no qual se movimentam indivíduos e multidões, povos e governos, sociedades e culturas, línguas e religiões, nações e continentes, mares e oceanos, formas de espaços e possibilidades dos tempos. Um vasto processo histórico no qual emergem conquistas e realizações, impasses e contradições. [...] (IANNI, 1992, p.64-65) .

Este processo histórico, do ponto de vista das classes sociais que o constituem, é permanentemente marcado por contradições dentre as quais as desigualdades sociais decorrentes das relações assimétricas entre capital-trabalho. As ações coletivas portadoras de manifestações políticas e sociais marcam também o movimento de resistência e rebeldia das classes sociais subalternizadas. Os Movimentos Sociais como formas e ações organizativas de uma diversidade de motivações, intencionalidades e abrangências internacionais, nacionais ou locais consolidam-se no quadro complexo de transformações e reconfigurações da sociedade capitalista. Eles marcam em suas diferenciações como as contradições capitalistas vão sendo apreendidas e significadas e vislumbradas como possibilidades de transformação.

Como temática categoria teórica ou formas organizativas das ações coletivas ou formas de sociabilidades, Os Movimentos Sociais aportados em diferentes perspectivas investigativas se no passado recente constituíam-se objetos privilegiado das Ciências Humanas, em especial das Ciências Sociais- Sociologia e Antropologia, na atualidade várias áreas do conhecimento a apreenderam em suas investigações científicas.

Na pós-modernidade ou Modernidade Líquida (BAUMANN, 2001), os Movimentos Sociais se diversificam tanto em suas formas como em seus conteúdos. São em grande parte movidos por novos sujeitos sociais ousando lutar pela efetivação de seus direitos muitos deles assegurados juridicamente e negados social e culturalmente.

As novas ações coletivas configuradas pelos Novos Movimentos Sociais coletivamente construídos por diferentes sujeitos históricos traçam as teias e as tramas sociais marcadas pelo sentimento de rebeldia às ordens instituídas, reivindicatórios ou contestatórios, de afirmação de direitos e identidades, aos de denúncias institucionais e governamentais, e até mesmo de manifestações populares de demandas políticas e sociais.

Um balanço bibliográfico realizado recentemente (24/09/2016) na Fonte Biblioteca Digital de Teses e Dissertações- BDTD , Idioma Português, Filtro Movimentos Sociais, Período 2006-2016; encontramos 274 Dissertações e 131 Teses em diferentes áreas do conhecimento como por exemplo: Sociologia, Ciência da Computação, Comunicação, Filosofia, Educação, História, Geografia, Administração, Direito, Engenharia, Serviço Social, Tecnologias da Inteligência, Design Digital, Economia, Psicologia, Ciências do Alimento, Antropologia, Letras, Odontologia, Saúde Pública, Desenvolvimento e Meio Ambiente; e outras.

Como nossas reflexões estarão dirigidas à Área de Educação, torna-se importante ressaltar que, os dados deste balanço revelaram que esta temática Movimentos Sociais classificam-se modestamente na hierarquia dos objetos privilegiados da produção científica na modalidade de Dissertações (12,04%) e Teses (16,79%) defendidas no interstício de 2006 a 2016.

Em termos políticos conjunturais tratou-se de uma década de mobilizações coletivas intensas, tanto nacionais como internacionais passando pelas regionalizações movidas por diferentes e diversas motivações altamente significativas. No campo da Educação, a temática Movimentos Sociais foi objeto de investigação de 405 Produções Teóricas construídas nos Programas de Pós-Graduação *Stricto sensu* (274 Dissertações + 131 Teses) .

Torna-se importante não tomar esta configuração como absoluta considerando-se que o balanço foi realizado em um tipo específico de produção, no caso as teses e dissertações. Não estão inseridos outros formatos de comunicação científica como

por exemplo monografias de final de curso de graduação ou especialização , periódicos qualificados pela Capes, reportagens jornalísticas ou de outras mídias..

Os Movimentos Sociais não se manifestam dissociados do quadro social e político mais amplo das sociedades, quer como estratégia de mobilização e organização tradicional com foco no caráter reivindicativo, quer contemporâneos com foco numa diversidade de desejos e demandas afirmativas porquanto conduzidos por protagonistas de direitos sociais.

Halls (2006) já apontava em suas reflexões sobre o sujeito na pós - modernidade a existência de três identidades: sujeito moderno de feição iluminista cartesiana, sujeito sociológico construído pelas relações indivíduo-sociedade e o sujeito pós - moderno, fracionado, diverso, acidental, possível no teórico explicativo das diferenças, dos direitos, das identidades culturais.

Gohn e Bringel (2014, p.20) em sua obra Movimentos sociais na era da global , afirmam que:

[...] os movimentos transitam, fluem e acontecem em espaços não consolidados das estruturas e organizações sociais. Na maioria das vezes eles estão questionando estas estruturas e propondo novas formas de organização à sociedade política. Por isso são i-inovadores como já nos indicava Habermas nos anos de 1970-, como lumes indicadores da mudança social; ou o coração da sociedade, seu pulsar, nos dizeres de Touraine (1978).

Gohn em MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO (2012) ao atualizar o debate e as suas tendências teóricas investigativas, ressalta que:

[...] Na atualidade, antigos movimentos sociais, a exemplo da luta pela moradia ou luta pela terra, convivem com novos movimentos, organizados segundo múltiplas identidades- se

negro, mulher, idoso, jovem/adolescente etc. Lutas sociais por reconhecimento convivem com lutas pela distribuição e acesso a bens e serviços. Os movimentos sociais estão mais fragmentados, menos articulados com sindicatos, pastorais, alguns mais próximos de projetos e programas sociais desenvolvidos no plano institucional [...] (GOHN,2012, p.09).

Neste artigo, estaremos preocupados em compreender um determinado Movimento Social que tem acontecido recentemente nos espaços institucionais escolares sob a denominação ou identidade de “ocupação”. São várias as demandas que tem sido bandeiras destes movimentos, por assim dizer no plural, porque comportam várias mobilizações sem estarem subordinadas à uma direção de poder fixo e regimental ou programático. Atualmente coexistem no Brasil configurações de ocupação de instituições escolares da educação básica específicas:

- a) uma, oposição juvenil rigorosa às políticas governamentais que visam gestão público-privada das escolas públicas estaduais por intermédio das Organizações Sociais que na prática significam precarização das condições de ensino e docência privatizando a educação e convertendo o direito social à educação como serviço;
- b) outra, oposição de estudantes universitários e de educação básica, escolas públicas ,universidades e institutos federais de educação , denunciando a PEC de Reformulação do Ensino Médio e mais recentemente, denúncia aos impactos da propositura do Presidente Temer denominada PEC 241 ,especialmente nos campos da Educação Pública e Saúde, que se ideologiza-se sob o discurso de controle dos gastos governamentais por 20 anos, parte fundamental do suposto Ajuste Fiscal em marcha

Nestas reflexões optamos por lançar o intento no sentido de compreender este movimento social de ocupação de escolas públicas estaduais, que não se trata de uma ação coletiva única, mas que assume feições e configurações específicas como em São Paulo diante da projeto do governo estadual de requalificação das escolas por nível de escolarização ;em Goiás diante do projeto do governo estadual em terceirizar parte das escolas públicas por intermédio de contratos com organizações sociais tal como já implantado o modelo de gestão na saúde ;ou outras.

Inspirados na sociologia compreensiva da obra organizada por Pierre Bourdieu (1997) intitulada “A Miséria do Mundo “, tomamos a resolução por abordar o movimento de ocupação juvenil das escolas públicas localizadas na cidade de Anápolis-Goiás por intermédio de uma entrevista aprofundada realizada com um Jovem Universitário, Protagonista deste Movimento.

A entrevista foi realizada na Escola de Formação de Professores e Humanidades da PUC Goiás, Programa de Pós-Graduação em Educação-Mestrado e Doutorado, nos dias 10,11 e 13 de outubro de 2016, no Gabinete 10 de Orientações, conduzida pelo Prof.Dr.José Maria Baldino. A pauta foi acordada pelos seguintes itens orientadores: 1- Quem é Você Felipe ?; 2- Como Você se inseriu no Movimento de Ocupação?; 3- Por que “Ocupar” Escolas ? (razões e sentidos da ocupação); 4- Quem foram os Protagonistas?; 5- Como se estruturou o funcionamento das ocupações?; 6- Existiu articulação entre as diferentes experiências de ocupação?; 7- Como as Escolas (Direção, Professores e Alunos) estabeleciam relações com os Protagonistas da Ocupação?; 8- Em que momento , surgiram os conflitos com o poder constituído, quem chamou a Polícia e como ela fez a primeira abordagem do Movimento?; 9- O que você ouviu da Polícia dizer quanto a sua interferência no Movimento?; 10- Você considera vitorioso o Movimento de Ocupação de Escolas em Goiás?

Consentida e autorizada a publicação da Entrevista pelo Jovem Felipe Silva de Freitas, decidimos partilhar a autoria do

artigo. Na sequência, apresenta-se uma narrativa descritiva e interpretativa seguida de sua transcrição.

II- MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO DE ESCOLAS PÚBLICAS EM ANÁPOLIS-GO: HISTÓRIA E MEMÓRIAS.

A militância que fora iniciada no grêmio estudantil da escola ocupada

Felipe é um jovem de 20 anos, nascido de uma família bem estruturada financeiramente em cidade praiana paulista, mudou-se bem criança para Anápolis – GO, onde sua família permanece até hoje. Teve uma escolarização bem-sucedida a maior parte em escolas públicas, e na rede privada em alguns meses no Ensino Médio para a sua preparação para o vestibular.

No Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista, escola na qual estudou por 7 anos, iniciou sua militância no Movimento Estudantil integrando a direção do Grêmio Estudantil. E desta experiência política que optou militar e defender causas de importância social e principalmente das minorias. Atualmente, faz a sua graduação em História na PUC Goiás e Geografia da UFG, residindo em Goiânia, compondo o Centro Acadêmico de História. Tem representação no Conselho Universitário da UFG e milita na causa LGBTQTT no Estado de Goiás.

Inseriu-se no Movimento de Ocupação, em novembro de 2015, marcado por muitos debates acerca das Organizações Sociais assumirem a gestão das escolas públicas no Estado de Goiás como uma decisão do Governador e Secretária Estadual da Educação, Cultura e Esportes.

Relembra que se encontrava em Moçambique – MZ num intercâmbio cultural, quando pode inteirar-se dos movimentos de ocupações em São Paulo, inspiradas no Movimento Secundarista do Chile. Havia especulações quanto às possíveis ocupações

no Estado de Goiás. Comprometeu-se, com outros colegas, a disposição de ocupar escolas na cidade de Anápolis-Goiás. Esta cidade está localizada a 40 kms de Goiânia, às margens da BR-153 entre Goiânia e Brasília.

O Movimento de Ocupação do Colégio José Carlos de Almeida (JCA)-Anápolis, iniciou-se dia 09 de Dezembro quando já estava voltando para o Brasil. Já no dia 10 de dezembro, organizou um grupo no whatsapp para debater as Organizações Sociais (OS's) e traçar as estratégias políticas de Ocupação de Escolas na cidade de Anápolis. Relembra que já em 11 de dezembro foi marcada uma reunião no Colégio Professor Faustino para ocupá-lo, mas o intento obteve êxito. Relembra que foram várias as tentativas de ocupação de Colégios no final de semana. Final e inicialmente em 14 de dezembro (período Matutino), adentraram e ocuparam o Colégio Polivalente Frei João Batista, respaldados pela decisão de uma assembleia com os estudantes presentes. rememora-se assim, que iniciara o que denomina como sendo a trajetória de resistência e de luta através da ocupação de escolas e na cidade de Anápolis.

Indagado sobre quais foram às razões para “ocupar escolas”, ele se refere ao método já consagrado no Chile quando em 2011, mais de 700 escolas foram ocupadas pelo Movimento Secundarista Chileno que lutava pelo Passe Livre e melhorias na rede pública de educação. A revolta em questão foi intitulada de “Revolta dos Pinguins” remetendo-se aos uniformes que os mesmos utilizavam e ao tamanho das “crianças” que iam as ruas.

Além disso, São Paulo já havia aderido a estratégia para barrar a reorganização das escolas, e indicavam bons resultados até aquele momento. Para nós em Goiás que necessitávamos de uma ação rápida, efetiva e que chamasse a atenção da opinião pública, pois o edital que tinha como objetivo selecionar a Organização Social responsável por gerir as escolas já estava em andamento, ocupar seria uma boa opção, pois significava paralisar as ações que ocorriam no Colégio e isso chamaria a atenção da comunidade em geral para atentar-se do que ocorria.

Interrogado sobre os sentidos das ocupações, situa a luta histórica pela qualidade da educação pública e sua garantia constitucional de mantê-la pública, gratuita. Priorizou-se, inicialmente, lutar contra o Edital 001/2016 -Seleção da Organização Social responsável para gerir as escolas e pelas mudanças e investimentos educacionais que tem o sentido de lutar por um sistema educacional eficiente e qualitativo.

Entende ainda que ocupar as escolas é em parte um processo de ocupar/apropriar-se de espaços negados aos estudantes e de certa forma, ainda que simbolicamente, tomar o poder e o controle do espaço escolar. Estas relações perpassam pelas relações de poder e apropriações de pertencimento o qual de efetiva somente quando ocupada a escola, os estudantes os estudantes gritam o bordão: “A escola é nossa”. Na construção de laços de moradia temporária, relações e sentimentos ,a Escola como espaço de aprendizagem se transforma no lugar das histórias/memórias, relações e sentimentos, um lugar geográfico no sentido da construção histórico-social.

Os estudos sobre os Novos Movimentos Sociais têm enfatizado alterações no perfil de seus protagonistas e suas formas de organização, inserção e participação política, no campo da educação têm sido nomeados como os novos sujeitos educativos.

Indaga-se quem seriam estes novos sujeitos educativos nos processos de ocupação das escolas públicas contra a política de transferência da gestão pública das escolas para OS mediante contratos financeiros altamente rentáveis para estas empresas? Felipe destaca que são os Estudantes Secundaristas os quais a partir das assembleias tomam as respectivas decisões. São Jovens de 13 a 17 anos, de famílias com condições financeiras baixas/medias, com identidades contra hegemônicas (Negros/Negras, LGBTQTT's, e ,outr@s), sendo a maioria do gênero masculino com forte presença do machismo familiar o qual objeta a participação das meninas nos movimentos de ocupação das escolas públicas de educação básica. Chama a atenção para os que se encontran-

do na faixa de 13 a 17 anos, haviam parado seus estudos, mas acreditavam na luta pela educação de qualidade, destacando-se a presença de dois participantes na ocupação desta escola em Anápolis-Go.

Outra característica destes novos movimentos aponta para uma singular estrutura de seu poder de funcionamento, mais flexíveis, móveis, horizontalizadas, sem comando único e centralizador e relativamente autônomas das clássicas organizações da sociedade civil como Sindicatos, ONG's, Igrejas, Instituições Sociais, Partidos Políticos, dentre outros. Felipe destaca que as escolas ocupadas têm seu rito burocrático de funcionamento paralisado como os serviços da direção, secretaria, professores, funcionários. Os Estudantes são divididos em Comissões (limpeza, segurança, alimentação, oficinas e de mídias e comunicação), inspiradas na experiência Chilena, conforme as normas de uma Cartilha que traça as orientações políticas para os movimentos sociais de ocupação de escolas. Em algumas Escolas estas Comissões não tinham jovens fixos para que na rotatividade todos tivessem oportunidade de conhecer as diversas atividades organizativas, e, aprendessem a relacionar-se com os outros.

Como tem se manifestado diferentes motivações para as experiências dos movimentos de ocupação de escolas, eles em sua constituição e efetivação se relacionam com os demais nas malhas urbanas das cidades? Felipe responde afirmativamente, como articulação e trocas de experiências. As Cartilhas enviadas pelos estudantes do Chile vieram de São Paulo. Além dessa troca de experiência interestadual, os estudantes no Estado de Goiás realizavam/realizam as suas trocas de experiências, expectativas, anseios, problemas e preocupações através do que era intitulado de um "Comitê das Escolas Ocupadas" que era composto por duplas da maioria das escolas ocupadas no Estado de Goiás. Anápolis mantinha um Comitê independente ao de Goiânia. Mesmo que alguns dos estudantes em Anápolis participavam do Comitê de Goiânia, Anápolis mantinha a sua independência de

decisões e ações, porém, sempre que possível os estudantes trocavam informações e experiências sobre as ocupações.

O Movimento de Ocupação paralisa as atividades burocráticas das escolas. Qual relação que se estabelece com a direção Escolar e Corpo de Professores? De imediato as relações são de conflito e oposição uma vez que o poder institucional está sendo negado está sendo redefinido; mas depois se constroem aproximações sem que tal postura tenha significado de adesão e luta coletiva. Há que se registrar o antagonismo das famílias para com o Movimento, considerando-se que elas, não aceitavam as ocupações. Indagava-se, em que momento surge os conflitos com o poder constituído, quem chama a polícia e como a polícia faz a primeira abordagem do Movimento?

Felipe descreve que o próprio momento de ocupação das escolas é um momento de conflito com o poder constituído, a escola deixa de ser um território sob o comando do grupo gestor da escola (Diretor, Coordenadores, Professores, Funcionários), ou seja, a cozinha deixa de ser território das “tias da merenda”, a sala de aula deixa de ser território do professor e a coordenação deixa de ser território do coordenador e passam a ser readaptados e assumem novas funções, pois passam a ser território dos estudantes o choque, a estranheza e conflito estarão instaurados se não há consenso da importância da luta.

Os diretores foram os primeiros a acionarem a Polícia Militar uma vez que não aceitavam a sua perda de poder sobre o território escolar. Acrescenta que tem a impressão que os policiais ao chegarem às Escolas Ocupadas não sabiam o que fazer, sua abordagem era mais interrogativa, e a presença de professores dentro da escola apoiando o movimento, marcava uma relação de respeito.

Posteriormente, as abordagens modificaram-se, não existia mais um método muito interrogativo, as ações já eram opressivas e de muita violência e intimidação, não existia uma relação de respeito e ficava muito clara a tentativa de desarticulação do

movimento através de prisões de possíveis lideranças e da desocupação de Colégios a qualquer custo. Ao mesmo tempo que ampliavam as ocupações o Governo de Goiás por intermédio da SEDUCE e Gabinete Civil procediam os julgamentos das OS's a serem contratadas para este tipo de gestão pública terceirizada. Neste processo, movimentavam nas redes sociais denúncias que comprometiam a lisura do processo de seleção bem como a identidade ética dos dirigentes das organizações. Ao que parece ser, somente uma OS foi credenciada até agora justamente para a gestão de um “lote” de escolas públicas na região de Anápolis-Goiás.

Não se pode ignorar que as relações históricas da Polícia Militar com os Movimentos Sociais sempre foram marcadas pela violência, truculência, aprisionamentos e judicilização, ainda que no passado recente tenha tomado as cenas urbanas, as greves da Polícia reivindicando correção salarial, aumento do efetivo, promoções na carreira e contratação de aprovados em concurso público. Indaga-se o que Felipe ouvia da Polícia quanto a sua interferência no Movimento? Ele manifesta-se que a Polícia, internalizado o *habitus* profissional da missão de manter a ordem vigente, nunca irá concordar com estruturas que tentam desconstruir a ideia de hierarquia, até porque a Instituição Militar é hierárquica e ensina a aceitação à imposição da hierarquia até mesmo nos Colégios Militares. Ouvíamos dos policiais que as nossas manifestações não resultariam em nada e que estávamos gastando o nosso tempo que poderíamos estar estudando na escola. Alguns deles até usavam as suas lutas como exemplo, mostrando que as greves de Policiais Militares nunca resultaram em nada. Relata ainda que quando foi preso em Anápolis, pode comprovar como ainda a corporação reproduz o machismo, sexismo e LGBTfobia, como por exemplo quando o Tenente se dirigiu à ele utilizando de discursos preconceituosos do tipo veadinho e gayzinho, bem como quando agrediu uma adolescente.

Partindo-se para uma primeira avaliação deste movimento, Felipe foi questionado se Ele considerava vitorioso o Move-

mento de Ocupação de Escolas em Anápolis? Responde que sim e enumera o que considera diferentes planos:

1. Barrar o edital 001/2016 (edital de seleção da OS responsável por gerir as escolas) adiando o processo de implantação de OS na Educação;
2. Rearticular o Movimento Secundarista no Estado que já datava a sua ausência desde a Ditadura Militar, expresso pela criação de diversos Grêmios Estudantis, Conselhos, e participação nas decisões das escolas e nas discussões que lhes dizem respeito;
3. A duração que resistiram/resistimos na ocupação (dois meses no caso do Polivalente Frei João Batista) e na resistência de rua que ocorre até os dias atuais. Conseguiram êxito na perspectiva de formação dos estudantes que estavam presentes na ocupação, e da população de modo geral;
4. Demonstrar para nós licenciados e licenciados que a educação pode ser pensada com mais cabeças, que ela pode ser diferente, que deve ser democrática, e que ainda existem motivos para crermos na juventude e futura geração! Ou na minha geração.

III CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Movimentos Sociais de Ocupação de Escolas Públicas têm evidenciado uma nova forma de ação coletiva construída fundamentalmente por Jovens os quais atribuem à educação escolar pública um espaço para construir e vivenciar ações democráticas e emancipatórias, não tuteladas por partidos políticos ou representações tradicionais com vistas a se opor as reformas impositivas dos governos tanto federal, estaduais e municipais, sem discussão mais ampla com Estudantes e Professores.

Dentre o universo de motivações produtoras e construtoras das estratégias de Ocupação tem destacado o Projeto de

Reorganização das Escolas Públicas Estaduais de São Paulo; a Medida Provisória da Reforma do Ensino Médio, a PEC 241 hoje já aprovada pela Câmara dos Deputados que congela os gastos públicos por 20 anos e sempre lembrada a crítica ao que se denomina Governo Golpista. Este movimento analisado neste artigo se refere a Ocupação goiana de Escolas Públicas contra as OS na Educação.

O protagonismo juvenil aqui nomeado, em seu sentido sociológico, não se trata de ações coletivas de Jovens como categoria geral do senso comum e nem mesmo geracional, mas de seus vínculos de pertencimento à sua classe de origem, as classes trabalhadoras, histórica e culturalmente subalternizadas e exploradas pelas relações capitalistas de produção ressaltando-se por oportuno suas movimentações intra-classe conquistada pelos movimentos internacionais e nacionais de direitos humanos, cidadania e direito às diferenças, determinantes das criações e efetividade de diversas políticas sociais de caráter de defesa da cidadania, assistência como direito e não caridade, criminalização dos preconceitos de raça, gênero, orientação sexual, direitos reprodutivos, políticas de cotas para ingresso às universidades públicas, renda mínima, bolsa educação, dentre outros.

O Movimento de “Ocupar” a Escola não pode ser visto como invasão ou sequestro da propriedade estatal da instituição do ensino mesmo porque governo não se confunde com Estado. A Escola Pública como espaço de garantia e efetividade do direito constitucional subjetivo de promover a educação escolar obrigatória de 14 anos, da pré-escola até o ensino médio, integra como instituição social, a superestrutura da sociedade e nesta localiza-se o Estado, o qual após a Proclamação da República em 1898, se reorganiza como Democrático, Republicano, Público e Laico.

Quando os estudantes dizem “esta escola é nossa” não é a sua propriedade que querem dizer é sim o espaço cultural da formação humana. Opor-se à terceirização da gestão proposta pelo

governo por intermédio das OS é surrupiar o sentido do direito público à educação e convertê-lo em mercadoria.

Quantas mensagens grafitadas em muros denunciam que ‘Educação não é Mercadoria “ !. É neste impositivo espaço nebuloso de negação do público que os ideólogos da Escola sem Partido imporão as ideias e concepções de seu Partido: A Escola sem Partido. O Projeto de Educação, como integrante da formação humana, que não se realiza na transversalidade da Vida, das Ciências, dos Respeitos às Diferenças, das Tolerâncias, das Alteridades, das Utopias, das Artes ...infelizmente é o treinamento da mordaza e esta deve ser negada e combatida porque ela não promove a emancipação humana mas reproduz as subalternidades, alienações, ignorâncias.

Finalmente gostaríamos de prestar um **Tributo aos Jovens Estudantes que ousam ocupar o Espaço Público da Escola Pública** defendendo a Educação Pública, recorrendo oportunamente a Bertolt Brecht em seu poema “Nada é impossível de mudar: Desconfiai do mais trivial, na aparência singela. Examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar”.

IV TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistador: Prof.Dr. José Maria Baldino.

Entrevistado: Universitário Felipe Silva de Freitas

A militância que foi iniciada no grêmio estudantil

QUEM É VOCÊ FELIPE?

Meu nome é Felipe Silva de Freitas, tenho 20 anos, nasci em uma família bem estruturada financeiramente em Santos – SP. Ainda como bem criança, decidimos nos mudar para Anápolis – GO, aonde minha família reside até os dias atuais. Estudei a maior parte de minha vida em colégios públicos, porém também pude experimentar a rede privada durante alguns meses no Ensino Médio e na realização de cursinho pré-vestibular. Nunca fui reprovado, em toda minha trajetória de escolarização. No Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista, escola na qual estudei 7 anos da minha vida, iniciei a minha militância quando ingressei no Movimento Estudantil e compus o Grêmio Estudantil, a partir daí criei gosto em militar e defender causas de importância social e principalmente das minorias. Atualmente, sou estudante de História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e de Geografia da Universidade Federal de Goiás, morador da cidade de Goiânia, componho o Centro Acadêmico Sérgio Burarque de Holanda (História), estou na condição de Conselheiro Universitário da Universidade Federal de Goiás e milito na causa LGBTQT no Estado de Goiás.

COMO VOCÊ SE INSERIU NO MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO?

No mês de Novembro de 2015, mês em que os debates respectivos as Organizações Sociais efervesceram no Estado de Goiás, estava em Moçambique – MZ em um intercâmbio acadêmico. De lá, pude acompanhar informações sobre as ocupações em São Paulo espelhadas no Movimento Secundarista do Chile, e as especulações e possíveis ocupações que ocorreriam no Estado de Goiás, e me comprometi com outras colegas de intercâmbio que movimentaria a cidade de Anápolis para ocupar escolas. No dia 09 de Dezembro, dia da ocupação do Colégio José Carlos de Almeida (JCA), já estava voltando para o Brasil. Quando pisei em terras goianas e resgatei meu número no dia 10 de Dezembro,

montei um grupo no whatsapp para debatermos sobre as Organizações Sociais (OS's) e traçarmos estratégias de Ocupação de escolas na cidade de Anápolis. No dia 11 de Dezembro já tínhamos uma reunião marcada no Colégio Professor Faustino para a ocupação do mesmo, que foi frustrada. Sem adentrar em detalhes das diversas tentativas de ocupação de Colégios no final de semana; no dia 14 de Dezembro no período Matutino, adentramos o Colégio Polivalente Frei João Batista, e ocupamos aquele Colégio após uma assembleia com os estudantes presentes. Iniciava assim a trajetória de resistência e de luta através da ocupação de escolas e na cidade de Anápolis.

POR QUE “OCUPAR” AS ESCOLAS? RAZÕES

Ocupar escolas era um método já consagrado no Chile quando em 2011, mais de 700 escolas foram ocupadas pelo Movimento Secundarista Chileno que lutava pelo Passe Livre e melhorias na rede pública de educação. A revolta em questão foi intitulada de “Revolta dos Pinguins” remetendo-se aos uniformes que os mesmos utilizavam e ao tamanho das “crianças” que iam as ruas. Além disso, São Paulo já havia aderido a estratégia para barrar a reorganização das escolas, e indicavam bons resultados até aquele momento. Para nós em Goiás que necessitávamos de uma ação rápida, efetiva e que chamasse a atenção da opinião pública, pois o edital que tinha como objetivo selecionar a Organização Social responsável por gerir as escolas já estava em andamento, ocupar seria uma boa opção, pois significava paralisar as ações que ocorriam no Colégio e isso chamaria a atenção da comunidade em geral para atentar-se do que ocorria.

SENTIDO DAS OCUPAÇÕES

A ocupação das escolas perpassa por uma luta pela qualidade da educação pública e pela garantia de mantê-la públi-

ca, gratuita, democrática e de qualidade. Desta forma, lutar para barrar o Edital 001/2016 (edital de seleção da Organização Social responsável por gerir as escolas) e pelas mudanças e investimentos educacionais para nós, é lutar por um sistema educacional eficiente e qualitativo. Portanto, ocupar as escolas é em parte um processo de ocupar espaços que eram negados aos estudantes e tomar o poder e o controle do espaço escolar. Só se pode ocupar aquilo que você não estabelece uma relação plena de pertencimento, ou que determinadas relações de poder, não proporcione que você estabeleça essa relação. Esta relação de pertencimento fica claro quando somente após ocupar a escola, os estudantes gritam o bordão: “A escola é nossa”. A escola passa a ser o **lugar** onde os estudantes moram temporariamente. Os estudantes antes da ocupação encaravam a escola como espaço de aprendizagem, durante/após a ocupação os mesmos encaram ela como o lugar que está carregado de histórias/memórias e de relações e sentimentos, tornando a escola um lugar no sentido geográfico conceitual.

QUEM FORAM OS PROTAGONISTAS?

Os protagonistas do Movimento de Ocupação de Escolas no Estado de Goiás são os estudantes secundaristas, eles que a partir das assembleias irão pensar e votar todas as decisões que ocorrem dentro da ocupação e fora da mesma, ou seja, do respectivo ao movimento. Esses estudantes têm em torno de 13 a 17 anos, originários de famílias com condições financeiras baixas/medias, com identidades contra hegemônicas (negros/negras e LGBTT's), a maioria era do gênero masculino ainda pela forte presença do machismo familiar que não permite que as meninas participassem efetivamente da ocupação. Porém o que me chamava a atenção eram os protagonistas com diferenças. Alguns dos protagonistas mesmo com idades entre 13 e 17 anos, tinham parado os estudos, mas mesmo assim acreditavam na luta pela

educação. Em Anápolis foram dois casos de meninos que não concluíram os estudos mais estavam empenhados na luta pela educação.

COMO SE ESTRUTUROU O FUNCIONAMENTO DAS OCUPAÇÕES?

As escolas durante o período de ocupação têm o seu funcionamento burocrático paralisado, portanto, os serviços da direção, secretaria, professores, funcionários ficam “ausentes” na escola, sendo os mesmos até mesmos liberados para ficarem em suas casas ou aglutinarem a luta de forma diferenciada. Os estudantes na ocupação são divididos em comissões, que constituiu como uma forma de organização das ocupações no Chile que compunha a cartilha seguida na íntegra pelos estudantes. Nesta perspectiva existiam comissões de limpeza, segurança, alimentação, oficinas e de mídias e comunicação que trabalhavam para a manutenção da ocupação da melhor forma possível. Em algumas escolas o grupo prezava pela rotatividade das comissões para que todos os estudantes soubesse realizar todos os processos de organização da escola, negando muitas vezes o modo de produção Fordista/Taylorista e o processo de alienação do trabalhador com o fruto do seu trabalho. Desta forma, os estudantes conseguiam compreender a necessidade do trabalho do outro para a manutenção da ocupação e respectivamente da luta contra a implantação das Organizações Sociais.

EXISTE ARTICULAÇÃO ENTRE AS DIFERENTES EXPERIÊNCIAS DE OCUPAÇÃO?

Sim, havia articulação e troca de experiências. Como já falei acima, os estudantes do Estado de Goiás receberam uma cartilha dos Estudantes do Chile por intermédio dos estudantes que ocupavam escolas em São Paulo que também lhe informavam

às experiências que vivenciavam. Além dessa troca de experiência interestadual, os estudantes no Estado de Goiás realizavam/realizam as suas trocas de experiências, expectativas, anseios, problemas e preocupações através do que era intitulado de um “Comitê das escolas ocupadas” que era composto por duplas da maioria das escolas ocupadas no Estado de Goiás. Anápolis mantinha um Comitê independente ao de Goiânia. Mesmo que alguns dos estudantes em Anápolis participavam do Comitê de Goiânia, Anápolis mantinha a sua independência de decisões e ações, porém, sempre que possível os estudantes trocavam informações e experiências sobre as ocupações .

COMO AS ESCOLAS (DIREÇÃO, PROFESSORES E ALUNOS) ESTABELECIAM RELAÇÕES COM OS PROTAGONISTAS DA OCUPAÇÃO?

Na maioria das vezes, essas pessoas têm suas ações na escola paralisadas, professores não ministram mais aulas que contam no seu ponto, a direção não tem acesso a documentos burocráticos necessários para o desenvolvimento de seus trabalhos e os estudantes não conseguem mais ter acesso a sua escola para ter sua aula tradicional. De primeiro momento, esta relação se estabelece de forma ofensiva, pois os mesmos perdem o controle e o poder sobre o ambiente escolar, porém, após a perda do poder as relações entre esses indivíduos e os protagonistas da ocupação quando existentes tornam-se amistosas, porém não podemos confundir relações amistosas com apoio em formas de ações. Uma relação de dependência para conseguir favores é que dá base a essas relações amistosas, necessárias para a abertura de negociações. Os diretores e a secretaria relacionavam-se amistosamente com os protagonistas da ocupação, a fim de continuarem a realizar seus trabalhos dentro da ocupação. Os estudantes eram amistosos a fim de tirar proveito das férias futuras, porém não participavam do movimento. Os professores, muitas

vezes eram os únicos que não mantinham essa relação, pois os mesmos impressionavam-se pela forma que os estudantes estavam se organizando no espaço escolar e se posicionavam de fato. Ou eram favoráveis e ingressavam na luta, ou eram contrários e influenciavam a comunidade a pressionarem a volta as aulas. Porém um importante pilar da escola é a comunidade, e a relação da mesma com os protagonistas da ocupação era em maior parte ofensiva. Os responsáveis pelos estudantes das escolas, não aceitavam as ocupações pois não sabiam aonde que os filhos ficariam no horário de trabalho dos pais, o que nos faz refletir sobre a escola como um espaço de despejo de estudantes.

EM QUE MOMENTO, SURTIU OS CONFLITOS COM O PODER CONSTITUÍDO, QUEM CHAMOU A POLÍCIA E COMO ELA FEZ A PRIMEIRA ABORDAGEM DO MOVIMENTO?

O próprio momento de ocupação das escolas é um momento de conflito do poder constituído. A partir do momento que a escola deixa de ser um território sob o comando do grupo gestor da escola (Diretor, Coordenadores, Professores, Funcionários), ou seja, a cozinha deixa de ser território das “tias da merenda”, a sala de aula deixa de ser território do professor e a coordenação deixa de ser território do coordenador e passam a ser readaptados e assumem novas funções, pois passam a ser território dos estudantes o choque, a estranheza e conflito estarão instaurados se não há consenso da importância da luta. Normalmente, os diretores eram os primeiros a acionar os policiais pois não aceitavam a sua perda de poder sobre o território escolar. Parecia-me que os policiais ao chegarem nos colégios no início do Movimento não sabiam o que fazer, portanto a sua abordagem era mais interrogativa, e a presença de professores dentro da escola nos apoiando marcava uma relação de respeito. Após algum tempo as abordagens modificaram-se, não existia mais um

método muito interrogativo, as ações já eram opressivas, não existia uma relação de respeito e ficava muito clara a tentativa de desarticulação do movimento através de prisões de possíveis lideranças e da desocupação de Colégios.

O QUE VOCÊ OUVIU DA POLÍCIA DIZER QUANTO A SUA INTERFERÊNCIA NO MOVIMENTO?

A polícia nunca irá concordar a meu ver com estruturas que tentam desconstruir a ideia de hierarquia, até porque a Instituição Militar é hierárquica e ensina a aceitação à imposição da hierarquia até mesmo nos Colégios Militares. Portanto ouvíamos dos policiais que as nossas manifestações não resultariam em nada e que estávamos gastando o nosso tempo que poderíamos estar estudando na escola. Alguns deles até usavam as suas lutas como exemplo, mostrando que as greves de Policiais Militares nunca resultaram em nada. Durante a minha prisão na cidade de Anápolis pude comprovar como ainda a corporação reproduz o machismo, sexismo e LGBTfobia, quando fui chamado pelo Tenente de veado e gayzinho por conta das minhas características físicas e quando o mesmo policial agrediu uma menor de idade.

VOCÊ CONSIDERA VITORIOSO O MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO DE ESCOLAS EM GOIÁS?

Sim, eu considero o Movimento de Ocupação de Escolas em Goiás vitorioso! Acredito que tivemos vitórias em diversos planos que podemos esboçar aqui. Primeiramente, nós conseguimos barrar o edital 001/2016 (edital de seleção da Organização Social responsável por gerir as escolas). A barragem desse edital adiou o processo de implantação de Organizações Sociais na Educação que recentemente está em tramitação. Porém, além da vitória de conseguir adiar o edital, os estudantes secundaristas

do Estado de Goiás conseguiram rearticular o Movimento Secundarista no Estado que já datava a sua ausência desde a Ditadura Militar a meu ver. Essa rearticulação dá-se pela criação de diversos Grêmios Estudantis, Conselhos, e participação nas decisões das escolas e nas discussões que lhes dizem respeito. Foram vitoriosos ainda na duração que resistiram/resistimos na ocupação (2 meses no caso do Polivalente Frei João Batista) e na resistência de rua que ocorre até os dias atuais. Conseguiram êxito na perspectiva de formação dos estudantes que estavam presente na ocupação, e da população de modo geral. E finalmente, foram vitoriosos em demonstrarem para nós licenciandos e licenciados que a educação pode ser pensada com mais cabeças, que ela pode ser diferente, que deve ser democrática, e que ainda existem motivos para crermos na juventude e futura geração! Ou na minha geração.

MOVEMENT OF OCCUPATION OF PUBLIC SCHOOLS – YOUNG STUDENTS AGAINST THE MANAGEMENT OF THE PUBLIC SCHOOL BY SOCIAL ORGANIZATIONS

Abstract: *The paper integrates thematic studies of the International Colloquium “culture and power in times of (De)Humanization, addressing Contemporary social movements. We give political and theoretical relevance to the field of studies in the area of education: register and discuss the movement of occupation of the public schools, of struggle and resistance to Government policy from Goiás to outsource, transfer the management of public schools for social Organizations. The analyses pointed to theoretical contributions of Sociology associated with an in-depth interview with a young participant of the first generation of Occupation in Goiás, specifically in the town Anápolis, Goiás. In the field of study of education-history-culture, resort to the category of memory against a new thematic object, mobile object, which renews and expands, before new agendas and political demands, means believing in explanatory possibilities to seize analytically this movement its nature, objectives, form of organization, po-*

litical strategies, confrontations with the police, prisons, challenges and achievements.

Keywords: *Occupation of schools. Public education. Social movements.*

V REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z.. *Modernidade Líquida*. RJ: Zahar, 2001.

BOURDIEU, P. (Org). *A MISÉRIA DO MUNDO*. 5ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

FREITAS, F. S. *ENTREVISTA*. Concedida nos dias 10,11 e 13 de Outubro de 2016, para o Prof.Dr.José Maria Baldino. PUC Goiás. EFPH, PPGE. Autorizada Publicação.

GOHN, M. da G. e BRINGEL, B.M.(Orgs). *Movimentos sociais na era global*. 2 ed. Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 2014.

_____. *MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO*.8 ed. São Paulo : Cortez Editora, 2012.(Coleção questões da nossa época;v. 37).

HALL, S. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 9 ed. RJ: DP&A Editora, 2004.

IANNI, O. *A SOCIEDADE GLOBAL*. Rio de Janeiro:Editora Civilização Brasileira, 1992.